

# VARIAÇÃO FONÉTICA DA VIBRANTE /r/ NA FALA PANKARARU: ANÁLISE DE FATORES LINGÜÍSTICOS

---

**Maria das Dores de Oliveira**

Universidade Federal de Alagoas (Doutoranda) /FUNAI (Professora)

## 1. Introdução

A idéia da homogeneidade lingüística está bastante difundida na sociedade brasileira, embora os estudos lingüísticos venham contribuindo sistematicamente para desmistificar tal compreensão. Essa idéia de homogeneidade é passada sobretudo na escola, onde se privilegia uma variante lingüística – a norma padrão – em detrimento das demais, o que tem contribuído para manter preconceitos lingüísticos.

MAIA (1986:9-10) diz que a elasticidade estrutural é uma das características das línguas naturais. Tal propriedade, segundo essa autora, possibilita a variação na fala, permitindo que um mesmo enunciado seja pronunciado de diferentes maneiras, que soarão diferente conforme o contexto lingüístico e situacional, a procedência regional e social, além das características físicas e até das disposições momentâneas de cada falante. Nesse sentido, pode-se afirmar que a heterogeneidade é uma característica inerente ao sistema lingüístico, pois este permite algumas variações e proíbe outras.

Na comunidade Pankararu, a escola tem fortemente contribuído para a permanência das disparidades entre o discurso que ela impõe e a situação lingüística das crianças, haja vista que a prática pedagógica, no que se refere ao ensino de língua portuguesa, não tem levado em conta a diferença, mas priorizado regras gramaticais como forma de garantir o *bem falar*, objetivo que, sabemos, é difícil de ser atingido. Tal fato tem servido de empecilho para que a escola possa desempenhar bem o seu papel, que é, entre outros, o de formar bons leitores e bons escritores e, também, o de educar para a vida, principalmente quando se sabe que, numa cultura específica e diferenciada da cultura dominante, a valorização dos aspectos sócio-

culturais-religiosos da comunidade minoritária é extremamente importante para a manutenção dessa cultura.

Isso evidencia que é preciso que a escola compreenda o fenômeno da diversidade lingüística, reconhecendo as diferenças existentes entre a fala dos Pankararu e a norma padrão defendida por ela para poder ser coerente com uma perspectiva de escola que visa a formar os alunos para dentro e além dos limites da comunidade. Nessa perspectiva, pretendemos investigar a realização do fonema /r/ na fala Pankararu. Estaremos observando a variação do ponto de vista lingüístico, ou de acordo com os fatores inerentes ao sistema lingüístico que favorecem ou não a variação.

## 2. A comunidade indígena Pankararu

A referência histórica mais antiga sobre os Pankararu data do início do século XVIII, quando tiveram os primeiros contatos com missionários que seguiram para o interior nordestino e se instalaram às margens do Rio São Francisco para organizar aldeamentos e conduzir os índios à conversão. ARRUTI (1996), em referência a HOHENTHAL (1960) afirma que o etnônimo Pankararu é visto pela primeira vez em um relatório de 1702 e é citado junto a vários grupos indígenas: os Kararuzes (ou Cararus), os Tacarubas e os Poru, embora o aldeamento seja anterior a essa data. Posteriormente, em 1845, os Pankararu e os Poru aparecem novamente associados em mais outras duas aldeias localizadas em missões distintas. A quarta aldeia Pankararu localizada foi Brejo dos Padres, que hoje é a aldeia principal. Ela foi criada possivelmente no início do século XIX com o ajuntamento dos Pankararu, Poru, Umã, Vouves e Jeritacó (BARBALHO, 1988 vol.8 apud op.cit.).

A comunidade Pankararu atual está localizada no alto sertão pernambucano, nos municípios de Tacaratu, Petrolândia e Jatobá. Está distribuída em 17 aldeias, onde vivem cerca de 4.070<sup>1</sup> indivíduos, que se agrupam em pequenos núcleos familiares e têm como base econômica a agricultura de subsistência (feijão, milho e mandioca), fruticultura (manga, caju, coco, goiaba, pinha etc.), pequenos criatórios, além de uma incipiente comercialização de produtos

---

<sup>1</sup> De acordo com o censo realizado pela FUNASA-PE (Fundação Nacional de Saúde), em 2000.

agrícolas e artesanais. Há, ainda, alguns indivíduos que prestam serviços a terceiros e outros que são funcionários públicos.

Do território tradicional Pankararu, existem 8.100 hectares demarcados e homologados. Mesmo assim, continua invadido por posseiros que se instalaram no local há várias gerações. Estes, paulatinamente, estão sendo indenizados e retirados. A outra parte, 6.194 hectares, está identificada e em processo de reivindicação de posse.

Nos cinco séculos de contato com a sociedade nacional, este povo perdeu muitos traços de sua cultura, sendo uma das perdas a língua ancestral, e há várias gerações expressam-se exclusivamente em português. No entanto, a adoção dos novos costumes não os impediu de continuar afirmando a identidade étnica, evidenciada sobretudo em alguns sinais diacríticos, como os rituais religiosos. Estes são praticados corriqueiramente e são transmitidos de geração para geração.

No que concerne à educação institucionalizada, a comunidade é provida de onze escolas, sendo atendida em educação infantil e ensino fundamental de primeira à quarta série. A população estudantil assistida nas aldeias chega a mais de 800 alunos. Os professores, em sua grande maioria, são da própria etnia, havendo uns poucos vindos das cidades circunvizinhas.

### **3. Observações teóricas e metodológicas**

Dado os objetivos do trabalho, a fundamentação teórica foi encontrada nos trabalhos de caráter descritivo do Português Brasileiro que visam a explicar a estrutura fonológica da língua. Desse ponto de vista, revisamos uma parte da literatura disponível, desde CÂMARA JR. (1991 e 1992), passando por MAIA (1986), MONARETTO et al. (1996), CAGLIARI (1997) e BORBA (1991). Buscamos também o apoio da teoria fonológica geral encontrada, principalmente, em GUSSENHOVEN e JACOBS (1998).

#### **3.1 A vibrante simples /r/**

Uma longa discussão tem-se travado com relação ao estabelecimento do status da vibrante no sistema consonantal do Português. Marcado por um grande polimorfismo, este som tem fomentado muitos estudos e controvérsias. A questão é saber se há

uma ou duas vibrantes. Alguns pesquisadores como Lopez, apud Monaretto et al. (1996), e Monaretto et al. (1996) defendem a idéia da existência de um único fonema com diferentes formas de realização. Outros autores, como Câmara Jr. (1992), assumem a idéia de que são dois fonemas vibrantes na língua portuguesa.

Nossa própria posição é a de que existem dois tipos de vibrantes: a vibrante simples ou tepe, como é também nomeada, /r/, e a vibrante múltipla /r/, que, no dialeto Pankararu, é realizada como fricativa glotal surda, [h], produzida entre vogais e em início de vocábulos. Nos demais ambientes, prevalece a vibrante simples, que se realiza como [r], [ø] ou [h].

O nosso principal argumento para optarmos pela tese de dois fonemas é a distinção fonológica entre eles em contexto intervocálico. Pois, como se sabe, esta é uma das características fundamentais de reconhecimento e identificação de um fonema, ou seja, que um par de segmentos semelhantes apresente um traço que os torne distinguíveis entre si. Nesse sentido, a hipótese das duas vibrantes parece ser pertinente.

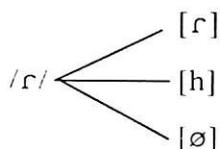
Considerando a variação do /r/ na comunidade Pankararu como uma variação contextual, buscaremos explicações teóricas que dêem conta do fenômeno. Nossa hipótese justifica-se a partir da observação de que nas falas dos informantes só em determinadas situações o /r/ não sofre variação.

Os dados foram coletados através de entrevistas gravadas em áudio. O *corpus* selecionado foi composto por 16 informantes Pankararu de várias faixas etárias, moradores de diversas aldeias da comunidade. Nas entrevistas, procuramos fazer perguntas cujo conteúdo fosse do conhecimento e do interesse dos informantes. Os temas enfocados foram trabalho, festas e rituais da comunidade, atividades domésticas, lazer, esporte, escola, educação, histórias da aldeia. Incluímos também paródias, quando lidamos com crianças.

#### **4. Análise dos dados**

Para a análise procuramos, primeiro, definir o envelope de variação de cada variável. Em seguida, fizemos o encaixamento da variação no sistema considerando os seguintes fatores lingüísticos:

tipo de sílaba, posição acentual e segmentos precedente e seguinte. No conjunto de dados analisados, encontramos o fonema /r/ sendo realizado foneticamente como [r], [h] ou sem realização fonética [ø], conforme já dissemos anteriormente. Representamos a situação no seguinte envelope de variação:



Ao estudarmos o padrão silábico da Língua Portuguesa e a distribuição do /r/ no sistema, verificamos que, tendo em vista a análise do segmento precedente, interessava-nos observar o tipo de sílaba  $C_1C_2V$ , em que o /r/ é  $C_2$ , a segunda consoante de um *onset* complexo. Para analisar o segmento seguinte, verificamos que o padrão silábico que nos interessava era  $(C_1)(C_2)VC_3$ , onde  $C_3$  deveria estar seguida de uma sílaba iniciada por consoante.

O *corpus* com o qual trabalhamos, conforme já descrito anteriormente, foi analisado a fim de obtermos o quadro geral de variação do /r/. Para isto, cruzamos, desde o início da análise, os fatores lingüísticos tipo de sílaba ou posição na sílaba – dado que em um tipo de sílaba, pelo menos, o tipo  $(C_1)(C_2)VC$ , interessa observar se a posição do C travando sílaba é medial -  $(C_1)(C_2)V - C$  - ou final -  $(C_1)(C_2)V - \#$ .

A tabela 1, abaixo, mostra o quadro geral de realização do /r/ no nosso *corpus*.

**Tabela 1**

Quadro geral de realização da variável

	C-V	%	V-V	%	(C)V-C	%	(C)V-#	%	Subtot.	%
[r]	2.543	68,67	2.907	100,0	366	33,18	18	0,64	5.834	55,54
[h]	-	-	-	-	642	58,20	59	2,11	701	6,67
[ø]	1.160	31,33	-	-	95	8,62	2.715	97,25	3.970	37,79
	3.703		2.907		1.103		2.792		10.505	

#### 4.1. Realização do fonema por tipo de sílaba e posição acentual

Observando as realizações de /r/ em sílaba [C\_\_V], vemos que: a) o fonema /r/ tem duas realizações alofônicas, [r] e [∅], neste dialeto, condicionadas lingüisticamente pelo fator acentuação; b) os monossílabos átonos e sílabas pós-tônicas favorecem o apagamento, ao passo que a realização de [r] prevalece nos outros tipos de acentuação silábica: monossílabos tônicos, sílabas pré-tônicas e tônicas, conforme podemos ver na tabela II, abaixo.

**Tabela II**

Realização de /r/ em sílaba [C\_\_V] de acordo com a posição acentual

	Monossílabos		Pré-tônica	Tônica	Pós-tônica	Subtotais
	átono	tônico				
[r]	413	91	1.025	779	235	2.543
[h]	-	-	-	-	-	-
[∅]	691	-	14	19	436	1.160
Total	1.104	91	1.039	798	671	3.703

O tipo de sílaba V-V, em que o /r/ está em *onset* silábico, no meio da palavra, em posição intervocálica, não permite variação. Para qualquer tipo de acentuação, /r/ realiza-se sempre como [r]. A regra aí é categórica, mesmo porque, sabemos, nesta posição há no sistema fonológico do Português uma oposição distintiva entre /r/ e /r/. A tabela *abaixo serve apenas* para reafirmar mais claramente essa observação.

**Tabela III**

Realização de /r/ em sílaba V-V de acordo com a acentuação

	Monossílabos		Pré-tônica	Tônica	Pós-tônica	Subtotais
	átono	tônico				
[r]	-	-	285	827	1.795	2.907
[h]	-	-	-	-	-	-
[∅]	-	-				
Total	-	-	285	827	1.795	2.907

Em sílaba do tipo (C)V-.C os três alofones de /r/ são encontrados: [r], [h] e [ø]. É evidente que, por precisarmos observar palavras de duas sílabas ou mais, já que o fonema /r/ é aqui considerado em travamento silábico no meio da palavra, o fenômeno a ser tratado neste ponto não ocorre em monossílabos. Assim, deveríamos observar as situações em que o fonema aparecia em sílaba pré-tônica, tônica ou pós-tônica. E, nesse caso, a sílaba pré-tônica permite um envelope de variação mais amplo, predominando a realização do alofone [h], seguido de [r] e, em menor proporção, da variante [ø]. As demais posições acentuais apresentam um envelope mais reduzido de variação: na sílaba tônica, ocorrem apenas [r] e [h]; na posição pós-tônica, a variação quase não ocorre.

Os dados estão expostos na tabela IV, abaixo.

#### Tabela IV

Realização de /r/ em sílaba (C)V-.C de acordo com a acentuação

	Monossílabos		Pré-tônica	Tônica	Pós-tônica	Subtotais
	átono	tônico				
[r]	-	-	305	60	01	366
[h]	-	-	377	265	-	642
[ø]	-	-	95	-	-	95
Total	-	-	777	325	01	1.103

A variação de /r/ no tipo de sílaba (C)V- #, considerando o acento da sílaba, mostra que o fonema /r/, em *coda* silábica final de palavra, é preponderantemente representado por [ø], ou seja, todo o material fonético é apagado nesta posição. A regra nesse caso, tem a seguinte formulação:

$$/r/ \rightarrow [\emptyset] \quad /((C)V- \#$$

Essa regra pode ser lida assim: o fonema /r/ é apagado quando aparece na *coda* de uma sílaba do tipo (C)V- #.

$$[s\bar{i} \ 'j\emptyset] \quad \text{“senhor”}$$

A tabela V mostra a variação de /r/ nesse ambiente, considerando-se a acentuação da sílaba.

**Tabela V**

Realização de /r/ em sílaba (C)V- # de acordo com a acentuação

	Monossílabos		Pré-tônica	Tônica	Pós-tônica	Subtotais
	átono	tônico				
[r]	10	01	-	05	02	18
[h]	45	11	-	01	02	59
[ø]	24	485	-	2.198	08	2.715
Total	79	497	-	2.204	12	2.792

A observação por tipo de acento da sílaba em que a variável se encontra permite fazer as seguintes constatações:

a) estatisticamente, há um número maior de ocorrências desse fonema na sílaba tônica;

b) do mesmo modo, também é nos monossílabos tônicos que aparece o maior número de ocorrências;

c) as constatações (a) e (b) acima, podem ser justificadas se observarmos que todas as formas infinitivais de verbos terminam por /r/ e todas as formas verbais infinitivais são arrizotônicas, quer dizer, o acento mais forte recai sobre as desinências e não sobre a raiz. No caso específico, o acento forte recai sobre a vogal temática, à qual agrega-se silabicamente o /-r/, desinência de infinitivo. Entretanto, é bom lembrar que essa predominância de /r/ na forma infinitival dos verbos não significa que se possa afirmar categoricamente que se apaga a desinência de infinitivo. O fato é fonológico, pois o que se apaga é o fonema /r/, independente da categoria e subcategoria da palavra;

d) com relação ao número de ocorrências do fonema em sílabas tônicas, monossílabos e outros, é também nessas posições que ocorre o maior número de apagamentos, tanto em monossílabos tônicos, como em sílaba tônica em palavras com duas ou mais sílabas.

Poderíamos dizer que essa é uma regra categórica, se considerássemos que os casos de não aplicação são devidos a fenômenos outros, como junção externa – a palavra seguinte começa por vogal – e processos de redução de vocábulo fonológico, quando o fonema sai da fronteira de palavra e aproxima-se de um segmento seguinte que tende a mantê-lo ou a realizá-lo como um dos seus alofones.

#### 4.2. Realização do fonema de acordo com segmentos precedente e seguinte

Para observar as realizações do fonema de acordo com o segmento precedente só um tipo de sílaba, o tipo C-V, iria interessar-nos, visto que qualquer vogal precedente não parece influenciar a realização do fonema.

Os segmentos que podem preceder /r/, em Português, o que significa dizer que só estes segmentos formam *onsets* complexos com /r/, são /p, b, t, d, k, g, f, v/. Para todos eles, encontramos ocorrências de apagamento da vibrante. Os números mais significativos de apagamentos ocorreram com /p/, seguido de /t/, /d/ e /v/. Os segmentos /k/, /g/ e /f/ foram os que apresentaram o menor número de ocorrências de apagamento da vibrante simples. O segmento /b/ também apresentou um índice relativamente baixo de ocorrência de apagamento de /r/. Os resultados aparecem abaixo, na tabela VI.

**Tabela VI**

Quadro geral de ocorrência das variantes de acordo com o segmento precedente

	p	b	t	d	k	g	f	v	Total
[r]	1.000	351	565	69	210	160	68	16	2.439
[h]	-	-	-	-	-	-	-	-	-
[ø]	719	57	332	35	03	08	01	17	1.172
Totais	1.719	408	897	104	213	168	69	33	3.611

Observando-se as ocorrências de [r] e [ø], podemos dividir os segmentos em três classes: 1) oclusivas anteriores, /p, b, t, d/; 2) oclusivas posteriores, /k, g/; e 3) fricativas labiais, /f, v/. Considerando, ainda, que /r/ é o fonema, ou a sua representação subjacente, e [ø] a realização de superfície, condicionada pelo segmento precedente, vemos que as oclusivas anteriores favorecem a aplicação da regra que apaga /r/ nesses contextos. As oclusivas posteriores e fricativas labiais permitem aplicação da regra, que é do tipo variável, mas não a favorecem. Isso pode ser melhor observado olhando-se o quadro I, a seguir.

### Quadro I

Classes de consoantes que ocorrem antes da vibrante /r/ em onsets complexos

	anteriores				posteriores	
	labiais		alveolares		velares	
	surdas	sonoras	surdas	sonoras	surdas	sonoras
oclusivas	p	b	t	d	k	g
fricativas	f	v				

Se observarmos mais de perto, desta vez separando as oclusivas anteriores em duas novas classes, temos que: 1) oclusivas anteriores surdas, /p, t/, são mais sensíveis à aplicação da regra de apagamento; 2) oclusivas anteriores sonoras, /b, d/, são menos sensíveis a sua aplicação.

A regra, então, pode ser formulada como segue:

$$/r/ \rightarrow [\emptyset] / \quad C \text{---} V$$

$$\left( \begin{array}{l} \text{-cont.} \\ \text{+anterior} \\ \text{-voz} \end{array} \right)$$

Leitura da regra: a variável /r/ passa a [ø] depois de uma consoante [-continuante, +anterior, -voz] no onset silábico complexo.

Considerando-se o segmento seguinte também, as três realizações foram encontradas. Tivemos, porém, diferente do que acontece quando se leva em conta os 04 tipos de sílabas, um número maior de ocorrências de [h], seguido de [r]. O apagamento[ø] teve um índice menor de ocorrência. Esses dados podem ser lidos na tabela abaixo:

**Tabela VII**

Quadro geral de ocorrência das variantes de acordo com o segmento seguinte

	p	b	t	d	k	g	f	v	s	z	ʒ	l	m	n	total
[r]	-	-	01	-	227	17	02	30	50	-	27	-	16	-	370
[h]	01	04	217	113	67	20	-	09	26	01	01	01	103	77	640
[ø]	-	-	-	-	89	01	-	01	-	04	-	-	-	-	95
Totais	01	04	218	113	383	38	02	40	76	05	28	01	119	77	1.105

O alofone [h] foi favorecido pela proximidade com os segmentos seguintes /t/, /d/, /g/, /m/ e /n/. O alofone [r] ocorreu mais vezes diante do segmento /k/, seguido de /v/, /s/, e /ʒ/. Embora o apagamento diante de /k/ não tenha sido predominante, foi nesse ambiente que houve maior ocorrência. O alofone [h] foi o menos produzido. Assim, as três regras que podem ser formuladas a partir dessa análise das realizações de /r/ de acordo com o segmento seguinte só podem ser mais ou menos generalizadas:

A primeira generalização permite-nos dividir os segmentos encontrados no contexto considerado em duas grandes classes: orais e nasais. As consoantes orais podem ser subdivididas em duas classes: oclusivas e fricativas, respectivamente -continuante e +continuante<sup>2</sup>. Em seguida, as oclusivas podem ser separadas em termos de ponto de articulação: labiais, alveolares e velares. As fricativas, por esse mesmo

<sup>2</sup> Não consideramos nesta análise a lateral /l/ devido a sua presença nos dados, um único caso nessa posição, ser considerada irrelevante.

critério, dividem-se em labiais, alveolares e palatais. Além disso, à exceção das nasais, cuja sonoridade é inerente, os segmentos são reclassificados em surdas e sonoras – -voz e +voz. Apresentamos uma síntese dessa discussão no quadro III, a seguir.

### Quadro II

Classes de consoantes que ocorrem depois da vibrante /r/ em sílaba (C)V-.C

			labiais	alveolares	palatais	velares
orais	oclusivas	surdas	p	t		k
		sonoras	b	d		g
	fricativas	surdas	f	s		
		sonoras	v	z	ʒ	
nasais			m	n		

As oclusivas labiais e alveolares desfavorecem a realização do fonema como [r]. Encontramos apenas uma ocorrência de [r] antes de /t/. As oclusivas velares /k, g/ favorecem a aplicação da regra.

Na classe das fricativas, tanto é menos freqüente essa distribuição de /r/, como é mais difícil generalizar a regra de aplicação. Entre as labiais, a freqüência de [r] diante da surda /f/ é insignificante, enquanto que diante da sonora /v/, a freqüência é mais alta, sendo maior também o favorecimento da aplicação da regra.

Entre as alveolares, a freqüência do alofone [r] é bastante reduzida. Apenas diante da surda /s/, a regra foi aplicada. Do mesmo modo, das palatais, somente a sonora /ʒ/ apareceu depois de [r], favorecendo a regra de uma forma quase categórica. A classe das nasais mostrou-se extremamente desfavorável à aplicação dessa regra. Apenas a labial /m/ teve umas poucas aplicações.

A realização de /r/ como [h] de acordo com o segmento seguinte mostrou-se favorecida pelas seguintes classes: oclusivas alveolares e nasais, onde a regra foi aplicada quase categoricamente.

O apagamento de /r/ de acordo com o segmento seguinte, teve um número alto de realizações diante de /k/. Esse número, porém, parece-nos não muito revelador quanto ao favorecimento da regra a este segmento, dado que tivemos um único vocábulo – porque – em todas as aplicações.

## 5. Conclusão

Neste trabalho apresentamos algumas características da fala Pankararu. Considerando o contexto lingüístico, procuramos sistematizar as formas de realizações do fonema /r/. Pudemos perceber que os padrões tradicionais de realização desse fonema ainda são vigentes na comunidade. Contudo, as outras variantes aparecem predominantemente em contextos que as favorecem.

A variação em relação ao fonema /r/ revelou-se difícil de ser descrita e interpretada, tendo em vista que fatores diversos, de caráter lingüístico, como posição na sílaba e na palavra, e acentuação, e, em menor escala, os segmentos circundantes, concorrem para esta variação, que é extremamente árdua de ser sistematizada, sobretudo quando se cruzam os diferentes tipos de fatores.

Esperamos que esse nosso estudo, embora bastante pontual, possa contribuir para reforçar a importância da pesquisa lingüística no contexto escolar e alertar os profissionais da educação para que observem a riqueza das variações lingüísticas e os condicionantes sociais, históricos e lingüísticos dos alunos. Assim, esses profissionais poderão ampliar seus conhecimentos e desenvolver atitudes condizentes com a escola que cada comunidade quer ou precisa.

A escola não pode ficar alheia à variação lingüística. No nosso trabalho, vimos como o apagamento de /r/ final, que é um problema sério para a aprendizagem da língua escrita padrão, revelou-se uma regra quase categórica na fala Pankararu. É preciso refletir, e chamar os professores a refletirem junto, sobre isso.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ARRUTI, J. M. P. A. *O reencantamento do mundo. Trama Histórica e Arranjos Territoriais Pankararu*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional, 1996.
- BARBALHO, N. Cronologia pernambucana: subsídios para a história do agreste e do sertão. *Fundação de Desenvolvimento Municipal do Interior de Pernambuco*, vol. 16. Recife, 1982-1988.
- BORBA, F. S. *Introdução aos estudos lingüísticos*. Campinas: Pontes, 1991.
- CAGLIARI, L. C. *Análise fonológica: introdução à teoria e à prática com especial destaque ao modelo fonêmico*. Campinas: Edição do Autor, 1997.
- CÂMARA JR., J. M. *Problemas de lingüística descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- GUSSENHOVEN, C. e JACOBS, H. 1998. *Understanding phonology*. London: Arnold, 1998.
- HOHENTHAL JR., W. D. As tribos indígenas do médio e baixo São Francisco. *Revista do Museu Paulista (Nova série, vol. XII)*. São Paulo, 1960.
- LEMLE, M. Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa. *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, 53-54, abr./set. 1978.
- MAIA, E. M. *No reino da fala*. São Paulo: Ática, 1986.
- MONARETTO, V. N. O. et al. As consoantes do Português. In: L. BISOL (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 205-246, [s.d.].
- OLIVEIRA, M. D. *Variação fonética da vibrante /r/ na fala Pankararu. Análise lingüística e sociolingüística*. Dissertação de Mestrado. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística, 2001.